

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano Crônica 6– abril, 2015

MAIORIDADE PENAL & MAIORIDADE CEREBRAL

Ierê Barbosa¹

Levantei da cama com um assunto ainda fervilhando na minha cabeça desde a noite passada. Cheguei ao trabalho e, como estava chovendo muito, apenas 10 alunos estavam em sala. Aproveitei o tempo de espera e fiz uma roda de conversa, fazendo algumas perguntas para eles: primeira, o que vocês fariam se a professora do filho de vocês, com cinco anos de idade, o tratasse como um adolescente? Todos demonstraram sua indignação. Uns até argumentaram com bastante segurança: *que absurdo, onde já se viu tratar criança como adolescente, criança é criança e deve ser tratada como tal; isso é loucura, são estágios de desenvolvimento diferentes, eu iria falar com ela.*

Bem, aí eu fiz o seguinte questionamento: vocês são contra ou a favor da antecipação da maioridade penal? Foi interessante constatar que a unanimidade desapareceu. Seis alunos foram a favor e quatro contra. Os argumentos a favor variaram, mas posso destacar alguns: *se o adolescente vota, deve também assumir seus atos criminalmente; o índice de criminalidade é muito alto; eles são manipulados pelos criminosos mais experientes, burlando a justiça.* Os que discordaram disseram que: *adolescente é adolescente e não deve ser tratado como adulto; já existe o Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA- que preceitua várias medidas socioeducativas, falta é ser aplicado seriamente; as prisões não recuperam, são escolas de bandidagem; li que 80% dos que deixam as prisões acabam retornando, nem há acomodações para todos e o estado acaba se desobrigando de cuidar dos menores.*

Fiz uma terceira pergunta para os seis que foram a favor: se vocês tivessem que opinar sobre a redução da maioridade penal justamente na ocasião em que um filho adolescente, ou um parente muito próximo, se envolveu em um crime, qual seria a opinião? As repostas foram discrepantes: *meu filho não se envolveria num crime, ele teria a cabeça boa; aí eu agiria estrategicamente em favor do meu filho, agiria na base daquele ditado: Matheus, primeiro os meus; eu contrataria um bom advogado, eu não gostaria de ver um parente meu, ainda jovem, convivendo com presos reincidentes; pensando melhor, adolescente não é adulto e seria injusto ser tratado como tal; agora que entendi aquela primeira pergunta, caiu a ficha; acho que meu estado emocional mudaria minha opinião, eu pensaria duas vezes; eu lamentaria, lutaria por ele, acho que o adolescente às vezes age por impulso.*

A última pergunta foi direcionada apenas aos quatro alunos que foram contra: Se um adolescente matasse o filho, o pai, a mãe ou algum parente querido de você num assalto e vocês tivessem que opinar sobre a questão da antecipação da maioridade penal qual seria a posição? Os quatro alunos ficaram pensativos por alguns minutos, um deles resolveu quebrar o silêncio, abrindo novamente a rodada de posicionamentos: *eu mudaria minha opinião, professora; sinceramente, eu gostaria que o criminoso apodrecesse na cadeia; eu iria orar muito pelo meu filho, mas gostaria que o criminoso fosse preso; eu sinto muito – disse o outro - mas*

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 6– abril, 2015

me sentiria melhor, me confortaria mais saber que o criminoso estava sofrendo numa cadeia repleta de bandidos perigosos, sendo estuprado e apanhando todos os dias, ele não tinha o direito de tirar a vida da minha mãe.

Continuei a roda de conversa, adentrando no mundo das emoções, mostrando como nosso raciocínio é, muitas vezes, emocional e oscila de acordo com as nossas conveniências. Observei que ninguém falou na maioridade cerebral e puxei o assunto. Nenhum deles ouviu falar e não tinham lido nada sobre o tema. Desconheciam que o cérebro humano apresenta variações em suas etapas de desenvolvimento no tocante aos gêneros e que um cérebro adolescente passa por grandes transformações em diversas subáreas e que isso deixa o jovem vulnerável à situações de risco. Nos homens, a maturidade cerebral só chega por volta dos vinte e quatro anos, enquanto que um cérebro feminino atinge sua maturidade aos dezenove. O senso de previsibilidade não faz parte de um cérebro adolescente. As químicas cerebrais como a dopamina e a noradrenalina fazem com que os adolescentes sejam mais suscetíveis ao perigo e a busca do novo, sem medir as consequências. Na questão do desenvolvimento moral, o adolescente retorna a fase da anomia, ausência de regras, ou segue o grupo, abrindo mão da moral individual aprendida no contexto familiar, adotando a do coletivo. Se o grupo for proativo, beleza! Mas se for negativo, a possibilidade de riscos variados aumenta. Pode acontecer com qualquer um, pois não há garantia quando se trata de um cérebro adolescente.

À noite, conversando com um professor, da faculdade de direito, ele contou-me que sua filha foi assaltada, em seu consultório odontológico, por dois pivetes e que só ficou viva porque não reagiu, entretanto seu colega foi baleado. Perguntei, então, se ele era contra ou a favor da antecipação da maioridade penal. Ele não vacilou: *apesar disso que ocorreu com minha filha, sou terminantemente contra. A maioridade penal deve estar em consonância com a maioridade cerebral. Não se deve tratar criança como adolescente; adolescente como adulto e nem idoso como jovem, mas também não daria a eles, aos pivetes, um buquê de rosas.* Achei coerente, o mais interessante é que ele completou a roda de conversa que fiz pela manhã, sem participar e sem ter conhecimento dela.

Confesso que meu amigo não me surpreendeu, pois levei em conta a sua maioridade cerebral, já entrou na faixa dos cinquenta anos. Seu posicionamento foi racional e com conhecimento de causa. No caso dos meus alunos, que estão na faixa dos dezoito aos vinte, seus posicionamentos foram modificados pela emoção e o mais grave, hipotética. Penso que eu e você, leitor, não precisamos usar Freud para explicar os resultados relatados, a Neurociência explica.